

DAS PRÁTICAS CORPORAIS OU PORQUE “NARCISO” SE EXERCITA

Ana Márcia Silva*

RESUMO: Este artigo busca levantar alguns indícios sobre o trato com o corpo na história do ocidente, com vistas a possibilitar a compreensão do interesse pelas práticas corporais e a constituição da lógica interna e da forma que esse cultivo do corpo assume na atualidade. Parte da tese de que ocorre, ao longo do processo civilizatório ocidental, uma progressiva identificação do sujeito com seu próprio corpo, exacerbada pelo capitalismo e por sua ideologia o liberalismo, com uma ênfase narcisista.

PARA UMA ANÁLISE DA PROVENIÊNCIA

Uma análise das sociedades industriais modernas mostra um fenômeno surpreendente de expansão da oferta e da procura pelas práticas corporais na atualidade: da grande repercussão do esporte espetáculo aos muitos praticantes de “jogging” de fins de semana; da ampla procura pelas academias à febre das escolas de esporte para crianças; do sucesso das ginásticas através de vídeos à disputa pelas piscinas de clubes. Uma parcela significativa da população vêm engrossando as fileiras daqueles que, de uma forma ou de outra, acreditam que devem cultivar o seu corpo.

A compreensão desse fato pode, a princípio, caminhar com o auxílio das análises elaboradas por Karl Marx na crítica à economia política. Isso porque, mesmo como um produto não material, as práticas corporais de uma forma geral e, especialmente, o esporte espetáculo, adquiriram o estatuto de mercadoria. Enquanto tal, possuem um valor de troca, para além de sua utilidade às pessoas que procuram delas usufruir. Esses dados são suficientes, apenas para apontar o caráter de fetiche que adquire essa mercadoria e sua conseqüente absorção pelas consciências individuais, fato esse reforçado pelo papel mediador exercido pela ciência e pelos meios de comunicação de massa (cf. Souza, 1991). Essa análise, porém, fornece indicativos

para compreender o surgimento e ampliação do valor de troca atingido pelo conjunto das práticas corporais nas últimas décadas, nas sociedades industriais. Não é suficiente para indicar como se constitui o interesse por esse tipo de prática (seu valor de uso) e, ainda menos, para que se compreenda constituição da lógica interna e da forma que esse cultivo do corpo assumiu na atualidade.

Nesse sentido, esse artigo pretende estabelecer algumas indicações para a compreensão desse fenômeno, partindo da tese central de que ocorre, ao longo do processo civilizatório ocidental, uma progressiva identificação do sujeito com o seu próprio corpo. Essa identificação culminaria com uma opção pelo privado e individual, exacerbada pelo capitalismo e sua ideologia, o Liberalismo, onde prevalece o interesse por si mesmo e para si mesmo, de acordo com Horkheimer (1976:27). A ênfase dessa opção parece ser, sobretudo, narcisista, como se pretende discutir a seguir.

A genealogia dessa concepção do “eu”, identificada com o corpo, não é simples e se traduz como o resultado de uma intrincada rede de componentes. Este ensaio se estrutura a partir de uma história do trato com o corpo, buscando estabelecer o entrecruzamento das suas condições anátomo-fisiológicas e sócio-econômicas. As discussões em torno da saúde, da estética, da moral e da economia fornecem os principais dados utilizados para compreender a **proveniência** dessa concepção.

* Professora do DEF/CDS/UFSC, integrante do Núcleo de Estudos Pedagógicos em Educação Física e aluna do Programa de Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC.

ALGUNS INDÍCIOS DO TRATO COM O CORPO EM PERÍODOS HISTÓRICOS MAIS ANTIGOS

Para se compreender a forma e a intenção com que se faz o cultivo do corpo na atualidade, é preciso se perceber o contraste com o trato dispensado pelos antigos gregos. As relações que eles estabeleciam com seu próprio corpo, faziam parte de uma concepção que ficou conhecida em filosofia como **estética da existência**. Entre os seus ideais, a busca pela felicidade era uma das máximas, entendida como um desenvolvimento pleno e harmônico e em profunda interação com o cosmos, sendo que, para isso, não havia receitas definitivas e invariáveis. Pelo contrário, atingir a felicidade era uma busca individual, traçada ao longo de sua vida pelas decisões que iam sendo tomadas. Os conceitos de beleza, verdade e bem eram, naquela sociedade, profundamente imbricados. Nessa perspectiva, não era possível ser saudável, em tudo que esse termo implicava, se os demais componentes não estivessem presentes: “só se pode viver bem, se a vida for verdadeira e bela; se se pode ser belo, mas para isso é preciso ser justo e saudável”. Apenas com essa fórmula era possível almejar a felicidade. Os procedimentos recomendados eram, por isso, bastante abrangentes; regimes que eram seguidos ao longo de toda existência e que diziam respeito a todas as atividades humanas. Essa estética geral da existência, a qual Foucault (1984:97) se refere, obteve tamanha importância em função de seu princípio fundante: o equilíbrio corporal se encontra em relação direta com a harmonia da alma. O cultivo do próprio corpo só se justificava se contribuísse, também, para com o desenvolvimento da alma; o objetivo era a evolução do indivíduo integral.

Os primeiros séculos da era cristã mantêm uma continuidade com a cultura grega clássica, sua inspiração primeira. A exposição do corpo nu é comum em vários rituais, dos banhos aos exercícios e batizados nas Igrejas, até por volta do século VII (Veyne, 1989). Várias modificações já se fazem sensíveis, especialmente, no que diz respeito ao fundamento moral do trato com o corpo, que começa a ser visto como fonte de erotismo. Ocorre um cuidado maior com o corpo e uma nova maneira de

focalizar a atividade sexual que a aproxima das doenças e do mal em si. Todas as práticas corporais e os exercícios, nesse período, procuram ampliar o **controle sobre si** (Foucault, 1985:234).

Quando se pensa na Europa Feudal, com a ferrenha dominação da Igreja, pode-se perceber uma outra perspectiva de corpo, bastante diferenciada da apontada acima. Danielle Bohler aponta indícios de uma relação com o corpo, carregada de preconceitos. Já não se apresenta mais a existência como integral, onde o cuidado de si pressupunha um “cuidado com o corpo e com a alma” que deveria ser encaminhado durante toda existência do indivíduo; pelo contrário, preocupar-se com o corpo era afastar-se das coisas da alma. A análise feita por essa autora das obras de arte demonstra que “pela relação íntima com o corpo e paralelamente com o mundo ordenado segundo leis, os nus medievais, sempre banhados de vergonha, levam o selo de proibições e de tabus que atuam segundo

uma clivagem sexual” (Bohler, In Duby, 1990:366). A transcendência secular, a crença em um mundo regido por leis imutáveis e acima dos homens, acrescido ao poder normativo da Igreja, afastava os indivíduos da autonomia necessária para uma perspectiva de cuidado de si e de responsabilidade pela realização plena de sua própria existência.

Permanecem incentivadas, apenas, a preparação militar e os jogos de guerra, numa demonstração do espírito que prevalecia na época.

Uma das primeiras alterações, possível de ser observada já na Renascença, é um novo modelo de valorização do corpo. Os jogos da nobreza, até então caracteristicamente de força e agressividade, lembrando grandes batalhas, passam a ser constituídos por gestos precisos, com respeito rigoroso aos traçados e a linha geométrica entre o corpo e a lança, inclusive com o abandono da armadura e a valorização explícita do vestuário. “As alterações dos jogos mostram, de fato, como a cultura do corpo é, ela mesma, transformada no seio das elites, entre os séculos XVI e XVII: A atenção progressiva ao vestuário e a destreza, em detrimento da força bruta” (Vigarello, 1986:43). O corpo e seus movimentos e adereços começam a adquirir outro código de valores, ainda que limitado aos ambientes públicos.

“O corpo não é mais aquele que se esforça ou não para ser feliz e realizado, o que é nobre ou vassalo, que se pune ou que se salva (...), é a concretização da força de trabalho, mercadoria fundamental nesta nova ordem.”

A preocupação com as roupas permanece sendo, até o século XVIII, uma preocupação com os outros. O vestir-se representava uma parte do como estar em público, atendendo muito mais a uma convenção preestabelecida para diferenciar as demarcações sociais do que uma forma de expressão do corpo que se reveste. Richard Sennet aponta que: "as pessoas visualizavam as roupas como uma questão de artifício, decoração e convenção; o corpo servia como um manequim ao invés de ser uma criatura viva e expressiva" (Sennett, 1988:89). Esse autor informa que a representação chegava a tal ponto que a França e a Inglaterra tinham leis suntuárias que determinavam o traje adequado a cada estrato da hierarquia social, a cada ofício, proibindo-o aos demais. Nesses trajes, o *status* de cada trabalhador era estabelecido pelo número de fitas e botões que usava. A utilização do corpo e das roupas era parte das representações de uma estrutura social aparentemente imóvel e conformada, concepção que prevalece até o fim do Antigo Regime.

Aqui, se encontra marcada uma característica que ressurgirá com ênfase em períodos posteriores da história ocidental. O trato com o corpo passa a adquirir importância para as relações que se trava com o outro, distoando dos períodos anteriores em que o fundamento era a relação consigo próprio, ainda que fosse para evitá-lo, como no caso da Idade Média, para não incorrer em pecado perante as leis divinas. Os múltiplos adereços sobre o corpo, buscando enfeitá-lo e marcando formas de representação, também, demonstra essa preocupação com o estar em público, espaço para o qual o corpo era instrumentalizado.

Nesse período, encontra-se uma tensão entre a resignação aos ditames do corpo e a pregação da Igreja que vai encontrar na Medicina um componente importante. Até a metade do século XVIII, o discurso médico mantém as bases metafísicas da Igreja, reafirmando a supremacia da alma. A necessidade de domesticar o corpo posta pela Igreja e reforçada pelo discurso médico, vai gerar pedagogias do corpo. Alguns Métodos Ginásticos daquele período deixam perceber essa intenção, mais ligada aos valores "espirituais", em contraste com seus subsequentes. Essas pedagogias do corpo mostram "como se instauram outras formas de disciplina visando a interiorização. Trata-se agora de tocar mais a alma do que o corpo" (Perrot, 1991:158). Paralelamente, a violência física impe-

ra na escola, no sistema penal e nas famílias, especialmente nas classes populares urbanas e pequeno burguesas, mostrando uma certa perspectiva de corpo. Nessa perspectiva, o corpo se coloca como algo a ser subjugado.

AS IMPOSIÇÕES CORPORAIS

Em poucas décadas, reverte-se a situação. É comum em boa parcela dos historiadores, a compreensão de que a Revolução Francesa e a estruturação do capitalismo industrial representam um divisor de "águas" nesse campo da cultura.

As concepções de corpo e, paralelamente, de saúde que se estruturam nesse período, apresentam fortes marcas de uma ordem econômica tão diversa quanto a do capitalismo. Foucault (1986), parte da premissa de que as políticas de saúde que se organizam a partir do século XVIII, têm dois focos de atenção: o desenvolvimento de uma medicina privada, formada a partir dos interesses do mercado que se estrutura e o desenvolvimento de uma medicina voltada para o corpo social que se agiganta. Ambas as medicinas que se organizam, são parte de uma estratégia global que considera "as doenças como problema político e econômico" (Foucault, 1986:194).

Essas características da doença como problema político e econômico, colocam a questão do corpo a partir de um prisma completamente novo, tanto para o corpo do indivíduo como para o corpo da sociedade. O corpo não é mais aquele que se esforça ou não para ser feliz e realizado, o que é nobre ou vassalo, que se pune ou que se salva. O corpo do indivíduo é a concretização da força de trabalho, mercadoria fundamental nesta nova ordem; o corpo social é a garantia de reprodução dessa mercadoria. Suas características, portanto, devem ser de docilidade e utilidade, adequadas ao problema político e econômico que ele representa. "O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política" (Foucault, 1986:80).

A necessidade de organização da sociedade e de adestramento dos corpos tendo em vista seus novos objetivos políticos e econômicos, só é possível

de ser compreendida na medida em que se perceba os acontecimentos que caracterizaram o mundo urbano. A desordem impera nas cidades, nesse momento histórico que marca o início do século XIX, como resultado dos fatos políticos e econômicos marcados pelas Revoluções Francesa e Industrial. Essa desordem é exaustivamente discutida por Sennett (1998), que aponta alguns de seus componentes. Entre eles, o inchamento das cidades; a ausência do respaldo dos sobrenomes daqueles provenientes do meio rural; a distribuição da população em novas formas urbanas; a destruição, por parte do mercado, de atividades econômicas estáveis e a freqüente destruição do *status* entre gerações. Sem a referência da corte, sem o conhecimento sobre as pessoas que se encontra na rua, sem pontos comuns para entrar conversas ou depositar confiança, sem conhecer a administração e o consumo das mercadorias em série; o domínio público incorporado pelas cidades parece ser o caos a ser evitado pelo indivíduo. As alterações nesse domínio são rápidas e violentas. As doenças, a mendicância, a falta de saneamento básico e de moradias, as possibilidades de falência e a ausência de formação profissional, são temores cotidianos.

Durante esse período, fica clara uma tentativa de medicalização da Sociedade que se apoia, em um primeiro momento, numa rede de pessoas e instituições que estão imbuídas de um espírito filantrópico e que atuam como auxiliares médicos, gerando inúmeras categorias profissionais que se estruturarão em seguida, como esclarece Foucault: "Tomemos o exemplo da filantropia no início do século XIX: pessoas que vêm se ocupar da vidas dos outros, de sua saúde, da alimentação, da moradia... Mais tarde, desta função confusa saíram personagens, instituições, saberes... uma higiene pública, inspetores, assistentes sociais, psicólogos. E hoje assistimos a uma proliferação de categorias de trabalhadores sociais. Naturalmente, a medicina desempenhou o papel de denominador comum... Seu discurso passava de um a outro" (Foucault, 1986:151). Juntamente com a filantropia, encontravam-se as ordens religiosas envolvidas fortemente nesse trabalho de reordenamento social liderado pela medicina. No interior dos hospitais e de um grande número de escolas, o andamento das

"A mídia exerce um efeito poderoso na sua difusão (do modelo corporal 'de consumo') fazendo com que a busca por esse modelo dominante, homogêneo no Ocidente, torne-se uma necessidade quase inquestionável para os indivíduos."

atividades depende quase que exclusivamente dos religiosos, podendo-se observar, em ambas as instituições, o forte cunho assistencialista presente, que vai cedendo espaço ao disciplinamento imposto por uma nova lógica. Apesar disso, ambas as matrizes - filantropia e sacerdócio - deixam marcas nos "personagens" que daí surgem. Entre esses, cabe destacar o papel desempenhado pela Enfermeira, no cuidado do corpo doente, e pelo Instrutor de Ginástica (como era chamado nas escolas) no cuidado do corpo saudável; duas faces da mesma moeda reconhecida como **eugenia da raça**. Ambos os profissionais são extensões do poder médico e atuam na higienização e ordenamento dos corpos; disciplina é a palavra de ordem. A tarefa desempenhada no interior dos hospitais pela Enfermeagem, de auxiliar na transformação do sujeito "paciente" em um objeto passivo de ordenamento racional pode ser analisada, em contraponto, com o mesmo papel desempenhado por outra disciplina - a Educação Física - tal como Soares (1994) aponta.

Da perspectiva dos indivíduos, ao se defrontarem com a animosidade do meio urbano e com as exigências das políticas sociais, como fruto das pressões econômicas, uma nova perspectiva de corpo vai se estruturando. Essa perspectiva se fundamenta numa nova compreensão que o indivíduo tem de si mesmo e da finalidade de sua existência sobre a terra, marcada, a partir de então, pela imanência secular. "No século XIX, a vontade de crer passou de uma religião sem ídolos para uma condição mais reflexiva: as crenças tornaram-se cada vez mais concentradas na vida imediata do próprio homem e nas suas experiências, como uma definição de tudo aquilo que se pode fazer crer. A imediatez, a sensação, o concreto" (Sennett, 1988:191).

O conjunto das impressões imediatas do sujeito constitui-se em sua personalidade e passa a ser um importante motor na história das interações humanas, inclusive, do indivíduo consigo mesmo. Essa concepção de personalidade presa as aparências vai gerar, num primeiro momento, um recato vitoriano, caracterizado pelo excesso de vestuário, pelo desejo de cobrir-se, de provocar uma deformação física por meio das roupas, para

evitar que a personalidade se manifeste no espaço público tão ameaçador. O reforço a essa concepção provém de novas disciplinas que se estruturam, tal como a etologia, tratado sobre os costumes a partir das características físicas, desenvolvida a partir dos estudos de Darwin; mais tarde a frenologia, utilizada por Freud e a cenestesia, de uso jurídico. Alan Corbin (In Perrot, 1991:450-2) mostra que os segredos íntimos despertam o medo da demonstração pública, de se expor aos outros. Paralelamente, cresce o desejo de descobrir o próprio corpo, suas características, sensações e prazeres. Resulta disso, a concepção de que o íntimo é o tesouro, o público é o falso. O espaço íntimo passa a ser o espaço em que o corpo pode se manifestar - os cabelos soltos, as roupas confortáveis, a manifestação dos humores. Com a execração do público e o predomínio do privado, o corpo passa a ser a maior referência e o maior objetivo, já que ele representa o que o indivíduo acredita que ser na realidade. Os prazeres obtidos a partir do corpo e do movimento são, cada vez mais, considerados como importantes.

A contradição se estrutura mais fortemente na medida em que as instituições intencionam controlar o corpo, moldando-o a uma postura de severidade e correção. Essa perspectiva é claramente identificada nos métodos ginásticos daquele período. O objetivo não é mais atingir a alma, mas levar as pessoas a adotarem um comportamento moralmente aceito pela sociedade. Paralelamente a isso, o desejo de liberação do corpo, a busca de compensação pelas imposições da vida urbana e das condições de trabalho, tornam-se resistências a essa iniciativas institucionais. "Um surdo movimento de liberação acompanha em contraponto a história das correções; ele acompanha o ascenso dessa subjetivização do corpo assinalado pelos historiadores da psicologia. Assim, o século XIX assiste a elaboração ou acentuação de uma gama de disciplinas somáticas e, ao mesmo tempo, de processos de resistência cujo repertório exaustivo os historiadores ainda estão longe de estabelecer" (Corbin, In Perrot, 1991:607). Para Alain Corbin, o auge desse proces-

"A partir do desejo pelo próprio corpo, somado ao modelo de corpo que é incessantemente perseguido, uma geração de 'narcisos' pode ter sido gerada."

so ocorre com a idealização da ginástica como "dever nacional", praticada por milhões de pessoas, especialmente pelos escolares.

A ASCENSÃO DE "NARCISO"

O discurso dos médicos, adequado a nova ordem social, distancia-se da Igreja e não trata mais das questões da alma. Juntamente com os moralistas, defendem a importância das práticas corporais e da higiene para o bom andamento da Sociedade. Esse discurso atinge, inicialmente, a burguesia. As pregações pela higiene e pela saúde, coincidem com as condições materiais para o seu cuidado no seio dessa classe. Como seu tempo livre era maior, especialmente entre as mulheres, sua vida de representação era mais forte, resultando numa importância maior para a aparência física do que nas demais classes. Apoiada nesses fatores, gradativamente, as práticas corporais se emancipam do âmbito médico na busca pelo prazer, pela liberação do corpo e pelo bem estar. O hábito de praticar atividades desse tipo e os padrões de beleza da burguesia, nesse campo como em outros, se difundem na direção da base da "pirâmide social". Seus padrões passam a ser incorporados pelo conjunto da Sociedade.

Gerard Vincent (1991:309-11) levanta indicações sobre esses padrões de beleza dizendo que o princípio da verticalidade, buscado na postura, surge nesse período, na medida em que o mundo passa a ser urbano. O meio rural, através do trabalho no campo, levava a um encurvamento dos indivíduos e, portanto, determinava sua estética numa outra direção. A burguesia, classe típica do mundo urbano, adota uma postura vertical, acentuada por sua "vontade de se estabelecer", de se afirmar em público. Ocorre ainda, que os ideais de rendimento e controle que se difundem pela sociedade, através do mundo do trabalho, influem também, na imagem de corpo dominante. A concepção corrente é a de ser elegante, magro e dinâmico.

O período entreguerras é fundamental para a estruturação desse modelo corporal numa sociedade em que o consumo se torna a máxima. Mas, é a partir das campanhas publicitárias que ele é

interiorizado. A mídia exerce um efeito poderoso na sua difusão, fazendo com que a busca por esse modelo dominante, homogêneo no ocidente, torne-se uma necessidade quase inquestionável para os indivíduos. O alento final para o engajamento das pessoas nas práticas corporais ocorre, principalmente, com o maior número de oportunidades de mostrar o corpo. Essas oportunidades ocorrem com a popularização do hábito de frequentar os balneários, através do camping e das férias remuneradas na década de sessenta. Dessa maneira, o corpo efetivamente sai do domínio privado e entra, triunfante, no público. O corpo valorizado quer viver sua liberdade e sua sexualidade, como contradição do seu uso e dominação. A essa revolta do corpo se contrapõe uma nova forma de exploração que, de acordo com Foucault, é econômica e ideológica, atingindo, desde os produtos para bronzear até os filmes pornográficos. "Como resposta à revolta do corpo, encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle-repressão, mas de controle-estimulação: fique nú... mas seja magro, bonito, bronzado" (Foucault, 1987:146).

O corpo não só é aceito, como passa a ser cultivado para atingir o modelo predominante. "A estética da magreza é imposta pelo sistema de mídia, que intima as mulheres a seguir dieta e fazer ginásticas sempre novas: aeróbica, aeroginástica, antiginástica, energic dance, gym tonic, musculação, alongamento, aeróbica turbo, etc. Alguns nomes indicam a origem americana, mais precisamente da Califórnia. Esse culto do próprio corpo exige sacrifícios: em primeiro lugar financeiros (proporcionalmente, gasta-se menos em roupas e mais para manter a aparência); a seguir éticos, visto que os meios de comunicação nos repetem que a pessoa tem o corpo que merece, o que leva a um novo sentido de responsabilidade. Esse corpo a ser produzido, desnudado, na praia, deve estar de acordo com os cânones do momento" (Vincent, In Prost & Vincent, 1992:311). E qual é o modelo dos cânones do momento? Vincent aponta em seguida: A tendência é a sociedade unissex. O modelo predominante é aquele da virilidade, a partir do domínio do masculino, nesse tempo histórico. "A silhueta da moça se aproxima da do rapaz. A roupa é muitas vezes igual, e o corpo indefinido expressa

"Essas preocupações culminam com a noção de que o trabalho com as práticas corporais, baseadas no culto ao corpo, senão impedem, dificultam a construção de uma Nova Sociedade, antiga utopia, eternamente renovada."

a adaptação das formas femininas aos moldes masculinos" (Vincent, In Prost & Vincent, 1992:316). Essa indicação é confirmada com a análise do real. A busca pela definição da musculatura, a adoção de um ritmo vigoroso e o desenvolvimento de qualidades como a força e a agressividade, bases do trabalho das academias e da maioria dos esportes, atestam essa hipótese. A mulher permanece, apesar das "aparências", a trazer consigo o estigma da fraqueza, tal como Adorno e Horkheimer (1985:105) identificaram, tornando-se, inclusive, uma justificativa para sua opressão, sob o tema da dominação da natureza que se assenta numa hierarquia social, onde o homem é o superior.

A indústria cultural produz uma necessidade em seus consumidores, ao mesmo tempo em que suas mercadorias são produzidas de maneira a se identificar com essa necessidade, conferindo um maior poder a essa indústria. Grande parte do trabalho da publicidade é encaminhado no sentido

de levantar quais as características e desejos dos consumidores, selecionando alguns elementos comuns que formarão o estereótipo do consumidor, agora mundial, nas campanhas publicitárias. De acordo com Matterlart (1992:252), esse estereótipo se transforma no "tipo ideal", já que possui um conjunto mínimo de símbolos e estilos que possibilitam a identificação de um grande número de pessoas. As campanhas publicitárias utilizam esse tipo ideal que, em geral, exprime as percepções de juventude, beleza, sensualidade e saúde, na forma do que ele denomina de "mercadorias simbólicas". Criam-se, assim, novos segmentos mundiais de consumidores e novas necessidades, ao mesmo tempo em que se transplanta costumes e símbolos de um país para outro. A partir desse investimento da indústria cultural, amplia-se o mercado das práticas corporais, especialmente, àquelas que se dedicam a reiterar esse modelo de corpo e as intervenções sobre ele, conforme divulgado pela mídia.

Um outra perspectiva dessa questão das práticas corporais é encontrada em Foucault. Para ele, o poder investiu nos corpos dos indivíduos ao longo do tempo, criando uma forma específica de consciência do próprio corpo, ao mesmo tempo em que faz uma exploração econômica. Mecanismos

como "a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... tudo isto conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio" (Foucault, 1987:146).

A partir do desejo pelo próprio corpo, somado ao modelo de corpo que é incessantemente perseguido, uma geração de "narcisos" para ter sido gerada. Lasch (1983) identifica a cultura do narcisismo como a cultura dominante nos Estados Unidos que tende a se espalhar pelo planeta. Nessa cultura, o indivíduo acredita ser o centro das atenções, onde a economia de mercado teria, como principal objetivo, a satisfação de seus desejos e necessidades. É preciso esclarecer aqui, que narcisismo não é entendido como na idéia popular de amor pela própria beleza e, sim, em seu sentido clínico, como um distúrbio do caráter que leva os indivíduos a uma preocupação excessiva consigo mesmo e uma desvalorização do que não lhe é próprio.

Sennett (1988:21) afirma que o **culto ao corpo** é narcisista e leva a uma grande introjeção nas "necessidades do eu" e, ao mesmo tempo, impossibilita sua satisfação, pela busca permanente na qual o indivíduo se vê jogado. A imagem de seu corpo é o espelho no qual narciso mergulha.

ALGUMAS PREOCUPAÇÕES:

Essas indicações sobre o trato com o corpo na história ocidental apontam, como se viu, por uma gradativa identificação do "eu" com o corpo e por uma valorização do mundo privado em detrimento do público. Esses indícios apontam, ainda, alguns fundamentos para a construção de diferentes concepções de corpo e diferentes justificativas para a realização de práticas corporais. Essas indicações, no entanto, levantam para preocupações de cunho mais geral, especialmente, para os profissionais que trabalham com as práticas corporais. Elas podem ser definidas nos seguintes termos: Se as práticas corporais representam um profundo culto ao corpo e levam a uma acentuação do narcisismo, até que ponto essas práticas devem ser incentivadas? Se o narcisismo leva a uma permanente insatisfação, na medida em que as experiências com o mundo são desvalorizadas frente a um ego exacer-

bado, estariam essas práticas corporais, em última instância, prestando um desserviço aos indivíduos que as procuram? Se há um culto ao corpo, baseado na busca por um modelo hegemônico de beleza, que é realizado de forma irrefletida, não se está incentivando, ainda mais, a perda da autonomia do sujeito? Por último; se a perspectiva de corpo contemporânea está distanciada, cada vez mais, de uma compreensão integral do indivíduo e de sua interação com tudo que o cerca, não é possível se falar em ecologia ou ambientalismo, sem uma revisão profunda dos conhecimentos produzidos e das intervenções práticas realizadas pelos profissionais que atuam nessa área. Essas preocupações culminam com a noção de que o trabalho com as práticas corporais, baseadas no culto ao corpo, senão impedem, dificultam a construção de uma Nova Sociedade; antiga utopia, eternamente renovada.

Abstract: This article is an attempt to organize evidence about the human body in the history of western civilization, throwing light on the understanding of the practice of corporal movement and the construction of the internal logic and the form that this cultivation of the body assumes today. The basic assumption is that there has occurred through out the process of western civilization a progressive identification of the human subject with her own body pushed by capitalist forces and by the liberal ideology with emphasis on narcissism.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro : Zahar, 1985.
- DUBY, Georg (org). *História da vida privada* (2): da europa feudal à renascença. São Paulo : Companhia das Letras, 1990.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro : Graal, 1984.
- _____. *História da sexualidade III: o cuidado de si*. Rio de Janeiro : Graal, 1985.
- _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: o nascimento da prisão*. Petrópolis : Vozes, 1987.

HORKHEIMER, Max. *Eclipse da razão*. Rio de Janeiro : Labor do Brasil, 1976.

LASCH, C. *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro : Imago, 1983.

MATTELART, A. *La communication-monde*. Paris : La Découverte, 1992.

PERROT, Michelle (org). *História da vida privada (4): da revolução francesa à primeira guerra*. São Paulo : Companhia das Letras, 1991.

PROST & VINCENT. *História da vida privada (3): da renascença à revolução francesa*. São Paulo : Companhia das Letras, 1990.

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público*. São Paulo : Companhia das Letras, 1988.

SOARES, CarmemLúcia. *Educação Física: raízes européias e Brasil*. Campinas : Autores Associados, 1994.

SOUZA, Ana Márcia de. *Esporte espetáculo: a mercadorização do movimento corporal humano*. Florianópolis : UFSC, 1991. (dissertação de mestrado).

VEYNE, Paul. *História da vida privada (1): do império romano ao ano mil*. São Paulo : Companhia das Letras, 1989.

VIGARELLO, G. *De la force a la prestance: la transformation de jeux de la noblesse en France aux XVIe et XVIIe sicles*. Lyon : Presses Universitaires, 1988.

SECRETARIAS ESTADUAIS DO CBCE NA REGIÃO SUDESTE

1. ESPÍRITO SANTO

Secretário: Prof. JOSÉ LUIZ DOS ANJOS
Endereço: Departamento de Ginástica
Av. Fernando Ferrari s/n - Goiabeiras
Cx. Postal 019.022 - Agência UFES
Cep 29.060-970 - Vitória - ES
Fone (027) 335-2625

2. MINAS GERAIS

Secretário: Prof. SILVIO RICARDO DA SILVA
Endereço: Rua Olívio de Castro Almeida, 295/404
CEP 36.570 - 000 / Viçosa/MG
Fone: (031) 899.2258

3. RIO DE JANEIRO

Secretária: Profª. MÁRCIA DA SILVA DAMAZIO
Endereço: Rua Osmar Magalhães n. 06 - São Pedro
Cep 25.955-000 - Teresópolis - RJ
Fone Secret Est/RJ (021) 371-6268 - Fone Resid. (021) 643-3187

4. SÃO PAULO

Secretário: Prof. EDGARD MATIELLO JÚNIOR
Endereço: Rua da Penha n. 680 (ACM) - Centro
Cep 18.010-003 - Sorocaba - SP
Fone (015) 232-0684